



INFINITIVO FLEXIONADO EM REDAÇÕES DO VESTIBULAR DA UFPel

LEHMANN, Bianca Alves¹; MONTEIRO, Nathielen Isquierdo²; CARDOSO, Paula Fernanda Eick³

¹*Acadêmica do Curso de Letras – Português/Inglês e Respectivas Literaturas da UFPel e do Curso de Letras – Bacharelado em Redação e Revisão de Textos da UFPel; integrante do Grupo de Pesquisa “Banco de Textos constituído por redações do vestibular da UFPel”.*

biancalehmann@gmail.com

²*Acadêmica do Curso de Letras – Português/Inglês e Respectivas Literaturas da UFPel; integrante do Grupo de Pesquisa “Banco de Textos constituído por redações do vestibular da UFPel”.*

nisquierdo@hotmail.com

³*Doutora em Letras; professora de Sintaxe na Faculdade de Letras/FL/UFPel; coordenadora do Grupo de Pesquisa. paulaeick@terra.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Segundo importantes linguistas brasileiros – Figueiredo Silva (1996) e Perini (2006), uma das propriedades mais marcantes do português é a possibilidade de seus verbos infinitivos apresentarem marcas visíveis de concordância de pessoa e de número, o que é chamado “infinitivo pessoal” pelas gramáticas tradicionais. As construções com infinitivo flexionado são próprias do português, pois não há similar nas outras línguas românicas.

Embora o Português Brasileiro tenha sofrido uma simplificação no paradigma verbal¹, possui ainda o morfema crucial de plural sobre o infinitivo, o que nos permite chamá-lo infinitivo flexionado. As estruturas infinitivas com sujeito lexical são bastante utilizadas na linguagem falada, como, por exemplo, “Eu vi os meninos chegarem”.

Perini afirma que as construções com infinitivo flexionado constituem um enigma até hoje não satisfatoriamente analisado. Para este autor, é necessário notar, em primeiro lugar, que as possibilidades de ocorrência do infinitivo flexionado dependem de traços (semânticos e sintáticos) do verbo principal, isto é, do verbo que ocupa o núcleo da oração que imediatamente contém a oração infinitiva. Assim,

¹Como sabemos, o Português Brasileiro vem perdendo radicalmente sua morfologia de concordância. Na linguagem coloquial falada, flexionamos atualmente um verbo como “falar” no presente do indicativo da seguinte maneira:

| | |
|----------|--------------|
| Eu falo | A gente fala |
| Tu fala | Vocês falam |
| Ele fala | Eles falam |

Temos uma forma para a primeira pessoa do singular (eu), uma outra forma para a segunda (tu) e a terceira (ele) pessoa do singular, a qual serve também para a primeira pessoa do plural, em que houve a substituição do pronome “nós” por “a gente”, e por fim uma forma para a segunda (vocês) e a terceira (eles) pessoa do plural.

com verbos como **querer**, o infinitivo flexionado é impossível, a exemplo de “*Eles queriam muito vencerem o jogo”².

Figueiredo Silva fala também em predicados que não aceitam nem sujeito lexical nem infinitivo flexionado na frase encaixada, como por exemplo:

- os verbos aspectuais:

| | |
|-------------------------------------|----------------------------------------|
| Eles pararam de fumar | *Eles pararam de fumarem |
| Eles começaram a beber | *Eles começaram a beberem |
| Eles conseguiram fazer isso a tempo | *Eles conseguiram fazerem isso a tempo |

- o verbo auxiliar **ir**, mas também outros verbos de “movimento”, como **vir** ou **correr**:

| | |
|------------------------------|---------------------------------|
| Eles vão viajar amanhã | *Eles vão viajarem amanhã |
| Eles vieram buscar a Maria | *Eles vieram buscarem a Maria |
| Eles correram chamar a Maria | *Eles correram chamarem a Maria |

- verbos modais:

| | |
|-------------------|----------------------|
| Eles podem sair | *Eles podem saírem |
| Eles têm que sair | *Eles têm que saírem |

Por outro lado, há verbos como **lamentar**, que aceitam o infinitivo flexionado na oração encaixada. Observemos o seguinte exemplo “Eles lamentam muito estarmos desempregados”.

Perini divide, então, os verbos em três grupos. No primeiro grupo, estão os verbos que admitem uma estrutura com infinitivo flexionado na oração encaixada, como “Maria achou uma pena termos perdido o ônibus” ou “Maria ignora termos estado doentes”.

No segundo grupo, estão os verbos que admitem infinitivo flexionado apenas se a oração subordinada for introduzida por uma preposição, como “Nós queremos um visto para entrarmos no país” ou “A Maria ajudou eles a fazerem a pesquisa”.

No terceiro grupo, aparecem os verbos que admitem infinitivo flexionado apenas se a oração for introduzida por uma preposição, como “Eles viram o desastre sem fazerem nada”, ou se houver um candidato possível a sujeito da oração subordinada, como “Vi os cavalos correrem”, “Ouvimos os meninos gritarem” ou ainda “Senti meus olhos arderem”.

É importante salientar que o próprio Perini afirma ser sua análise meramente descritiva, pois ele pretende fornecer um retrato da situação tal como se apresenta na superfície, sem chegar a uma explicação integrada do processo dentro do sistema geral da sintaxe da língua. Para isso, deveremos, diz o linguista, esperar até que se atinja uma compreensão melhor do fenômeno.

2. METODOLOGIA

Análise de sentenças em que houve a flexão de verbos no infinitivo – retiradas do corpus das redações do vestibular da UFPel – por meio de suporte teórico baseado nas pesquisas de Perini (2006) e Bagno (2002) e, através desta fundamentação teórica, tentar entender o uso de verbos infinitivos flexionados em determinadas orações e procurar responder o porquê de tais usos.

² Utilizamos o asterisco para indicar a agramaticalidade da frase.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na verdade, as análises de Perini e de Figueiredo Silva, embora muito elucidativas sobre as características do infinitivo flexionado no português brasileiro, parecem não ser capazes de explicar um conjunto de dados identificado no *corpus* da pesquisa “Banco de textos constituído por redações do vestibular da UFPel”. Dentre esses fenômenos, podemos citar os seguintes:

“Iremos agora refletirmos sobre os vários tipos de violência que ocorrem nas escolas e, a qual muitas vezes passam despercebidas ao (sic) olhos dos educadores.”

“... muitas vezes crianças pequenas de escolinhas infantis dizem aos pais que gostariam de serem brancos quando se tornarem adultos...”

Nas frases acima, há infinitivos flexionados que não são previstos na análise de Figueiredo Silva tampouco na análise de Perini. No primeiro caso, temos o infinitivo flexionado “refletirmos” acompanhando o verbo *ir*, o qual, segundo Figueiredo Silva, não aceita nem sujeito lexical nem infinitivo flexionado na frase encaixada. No segundo caso, há o infinitivo flexionado “serem”, o qual possui o mesmo sujeito do verbo “gostariam” e exatamente por isso não deveria ser flexionado, de acordo com as gramáticas normativas.

No trabalho como pesquisadoras voluntárias, encontramos uma outra estrutura sintática que tende a favorecer a ocorrência do infinitivo flexionado na língua portuguesa brasileira. Como observamos, há infinitivos flexionados encaixados não em verbos, mas sim em nomes.

Considerando os preceitos da gramática tradicional, quando o infinitivo é regido de preposição e funciona como complemento de um substantivo, adjetivo ou verbo da oração anterior não deve sofrer flexão. Portanto estão corretas as formas a seguir:

- (i) Foram obrigados a ficar.
- (ii) Acusaram-nos de praticar atos suspeitos.
- (iii) Eu os convenci a aceitar.
- (iv) Estão dispostos a colaborar.

O trabalho na pesquisa em questão permitiu-nos identificar, entretanto, frases como as mencionadas abaixo:

- (i) “... principal consequência para o futuro o peso de carregarem dentre de si o cargo de adultos inseguros...”
- (ii) “... os pais têm medo de mandarem os filhos...”
- (iii) “... os responsáveis por manterem a ordem...”
- (iv) “... difíceis de serem notados...”
- (v) “... em adultos impossibilitados de desenvolverem trabalhos...”

Os dados acima parecem apontar para uma importante propriedade da gramática natural dos falantes de português brasileiro: a necessidade de explicitar um sujeito para todo e qualquer verbo, mesmo quando este tem propriedades nominais, como o infinitivo dos exemplos sublinhados, o qual atua como complemento dos nomes.

Devemos notar que essa explicação parece ser apropriada também para os seguintes casos já mencionados “Iremos agora refletirmos sobre os vários tipos de violência que ocorrem nas escolas e, a qual muitas vezes passam despercebidas ao (sic) olhos dos educadores” e “... muitas vezes crianças pequenas de escolinhas infantis dizem aos pais que gostariam de serem brancos quando se tornarem adultos...”. A gramática natural do falante entende que, devido à simplificação do paradigma verbal, se há um verbo, há a necessidade de explicitar um sujeito para ele.

4. CONCLUSÕES

Concluimos, portanto, que há a necessidade de maiores investigações sobre o comportamento do infinitivo flexionado presente em orações subordinadas e, além disso, o *corpus* da pesquisa, por apresentar textos produzidos em situação de uso extremamente monitorado de linguagem, poderá fornecer dados muito pertinentes.

Segundo Bagno (2002), o português brasileiro está se transformando em uma língua em que a explicitação do sujeito se torna cada vez mais exigida, num processo que caminha (ao que tudo indica) rumo à obrigatoriedade dessa presença. Cada vez mais os verbos aparecem acompanhados de sujeito.

Assim, na sintaxe brasileira, aumenta progressivamente a tendência a não se deixar nenhum verbo sozinho, desacompanhado de sujeito, mesmo quando esse verbo é um infinitivo tradicionalmente classificado de impessoal.

Os brasileiros parecem, portanto, buscar dentro das frases um possível sujeito para o infinitivo, fazendo-o concordar em número e pessoa com esse constituinte.

A tentativa de descrever e explicar o conhecimento de linguagem internalizado pelos candidatos do vestibular é de fundamental importância para que a universidade possa oferecer futuramente à comunidade escolar um retrato do conhecimento linguístico de seus alunos, bem como fundamentação teórica que lhe permita compreender tal conhecimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: Ática, 2002.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. **A posição Sujeito no Português Brasileiro**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 2006.